

Recebido em set. 2014  
Aprovado em dez. 2014

## KANT E A GEOGRAFIA

ANA THEREZA DE MIRANDA CORDEIRO DÜRMAIER \*

### RESUMO

Muito mencionada, mas pouco lida, a *Geografia* de Kant tem sido negligenciada pelos especialistas apesar de Kant ser considerado um dos pioneiros da geografia moderna e ter ministrado cursos de geografia durante toda a sua carreira acadêmica. Novos estudos nos permitem reavaliar a geografia kantiana e destacar seu particular objetivo pedagógico de civilizar jovens estudantes para se tornarem cidadãos do mundo.

### PALAVRAS-CHAVE

Geografia Física. Kant. *Weltkenntnis*. Educação. Cosmopolitismo.

---

\* Doutora em Filosofia pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ. Professora do DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB.

**ABSTRACT**

Often mentioned, but scarcely read, Kant's *Geography* has been neglected by experts although Kant is considered one of the pioneers of modern geography and taught geography courses throughout his academic career. New studies enable us reassess Kant's geography and highlight its particular educational goal of civilizing young students to become cosmopolitan citizens.

**KEYWORDS**

Physical geography. Kant. *Weltkenntnis*. Education. Cosmopolitanism.

NICHTS BILDET UND KULTIVIERT DEN GESUNDEN  
VERSTAND MEHR ALS GEOGRAPHIE.

KANT

Kalagatos - REVISTA DE FILOSOFIA. FORTALEZA, CE, v. 11 n. 22, VERÃO 2014

**A**o longo de toda a sua carreira docente, iniciada no semestre de inverno de 1756 e encerrada no semestre de verão de 1796, Kant lecionou regularmente geografia: foram quarenta e nove cursos em uma carga horária possivelmente de seis horas semanais, uma frequência equiparável àquela com a qual ministrou Lógica e Metafísica<sup>1</sup>. Em realidade, Kant é um dos responsáveis pela introdução da geografia na universidade: em Königsberg, ela se torna, com Kant, uma disciplina acadêmica independente, seis décadas antes da primeira cátedra de geografia ter sido criada em Berlim para Karl Ritter, em 1820. Na Alemanha, o pioneirismo de Kant é compartilhado com o trabalho realizado na Universidade de Göttingen<sup>2</sup>: Johann Michael Franz – que em 1746 participa da fundação, em Nuremberg, da *Kosmographische Gesellschaft*, onde busca articular matemática, a prática de mapeamento, a topografia e a navegação – ensina geografia a partir de 1755 sob uma orientação basicamente matemática; Johann Christoph Gatterer, professor de história e

<sup>1</sup> Além dos 49 cursos de Geografia, Kant ministrou 56 cursos de Lógica, 53 de Metafísica, 28 de Filosofia Moral, 21 de Física, 24 de Antropologia, 15 de Matemática, 12 de Direito Natural, 10 de Enciclopédia Filosófica, 04 de Teologia Natural e de Pedagogia, 02 de Mecânica e 01 de Mineralogia. Cf. <http://www.manchester.edu/kant/lectures/lecturesIntro.htm>.

<sup>2</sup> Withers, C. Kant's Geography in Comparative Perspective. In: Elden & Mendieta (2011), p. 54.

fundador do *Institut der historischen Wissenschaften* – o primeiro instituto inteiramente dedicado à história –, concebe a geografia e a cronologia como “os dois olhos da historiografia”, tendo ministrado cursos de geografia antiga apoiado em seus mapas no *Atlas Complet des Révolutions*<sup>3</sup>. Também em Göttingen, o professor de filosofia Anton Friedrich Büsching leciona geografia a partir de 1756 segundo uma ampla concepção, i.e., como descrição do estado civil e o estado natural da superfície conhecida da Terra. Büsching publicou a *Neue Erdbeschreibung* (1754,1792) e, como Kant, atribuía valor propedêutico à geografia<sup>4</sup>. Fora da Alemanha, encontramos iniciativas congêneres: em Oxford, Edimburgo e Aberdeen, professores de diversas áreas, como geometria, astronomia e matemática, começam a ensinar geografia em sua associação com a teoria newtoniana e professores de humanidades, como parte da história e das relações comerciais; em Glasgow, Paris e Genova, naturalistas e professores de filosofia natural a compreendem como dinâmica do mundo físico. No período da docência de Kant, a geografia se difunde no seio da cultura e se torna objeto de considerável atenção nas escolas, nas universidades e na esfera pública<sup>5</sup>.

Como a geografia era uma nova disciplina, não havia um livro texto oficial para seu ensino. A censura

---

<sup>3</sup> Sobre Gatterer, ver: Gierl, Martin. *Geschichte als präzisierte Wissenschaft. Johann Christoph Gatterer und die Historiographie des 18. Jahrhunderts im ganzen Umfang*. Stuttgart: Frommann 2012.

<sup>4</sup> Withers, p. 55.

<sup>5</sup> Withers, p. 60.

do governo sobre o que era ensinado nas universidades – por questões principalmente religiosas e políticas – tornava uma exigência que os livros em que as preleções se baseavam fossem autorizados oficialmente<sup>6</sup>. O então Ministro da Educação prussiano abriu uma exceção para a prática docente de Kant, concedendo a ele que ensinasse geografia a partir de suas próprias anotações<sup>7</sup>, as quais, posteriormente, serão reconstituídas na obra *Physische Geographie*. Essas anotações consistem de uma organização, feita por Kant, do que ele recolhe de obras de outros autores e de relatos de viajantes e exploradores, não, decerto, de descrições oriundas de sua observação *in loco*: todos sabemos que Kant jamais saiu de Königsberg. No *Projeto e Anúncio (Entwurf und Ankündigung)* do Curso de 1757<sup>8</sup>, Kant detalha que os materiais do curso a ser ministrado

---

<sup>6</sup> Cf. Reinhardt, Olaf. Translating Kant's *Physical Geography*. Travails and Insights into Eighteenth Century Science (and Philosophy). In Elden & Mendieta (2011), p. 108.

<sup>7</sup> Cf. No édito de 16/09/1778, o Ministro von Zedlitz permite que Kant ensine geografia “*secundum dictata sua*”, “*exponendo dictata sua*” ou “*ad propria dictata*”. O Ministro reprova e interdita a prática de alguns professores em Königsberg de dar aulas a partir de suas próprias anotações, “salvo o Prof. Kant em seu curso de *Geografia Física*, para o qual não há um manual disponível”. <http://www.manchester.edu/kant/lectures/lecturesListDiscipline.htm#geography>

<sup>8</sup> Em Königsberg do séc. XVIII era habitual que os cursos dos *Professoren* fossem anunciados em um Catálogo de Cursos (*Catalogus lectionum*) oficial, impresso em latim e distribuídos oito dias após a abertura do semestre letivo pelo Reitor. Através desses “Anúncios”, os interessados podiam ter uma ideia do que seria abordado nos cursos.

[...] estão espalhados ao longo de várias e grandes obras e falta ainda um manual por meio do qual esta ciência possa se tornar mais adequada para o uso acadêmico. Por isso resolvi, no início da minha docência, ministrar aulas sobre esta ciência em cursos especiais segundo a orientação de um esboço sumário. Fiz isto em um curso semestral para satisfazer a meus ouvintes. Desde então, ampliei consideravelmente meu plano. Extraí de toda sorte de fontes, busquei em todo tipo de acervo e, além do que está contido nas obras de Varenus, Buffon e Luloff em relação aos fundamentos gerais da Geografia Física, percorri as mais completas descrições de terras específicas por hábeis viajantes na *Allgemeine Historie aller Reisen*, no *Göttingische Sammlung Neuer Reisen*, no *Hamburgische* e no *Leipziger Magazin*, em artigos das Academias de Ciências de Paris e de Estocolmo, entre outras e, de tudo atinente a este propósito, fiz um sistema<sup>9</sup>.

Insatisfeito com as obras de geografia disponíveis à época para os fins que atribui à disciplina, como, por exemplo, a *Geographia Generalis* de Varenus de 1650 ou a *Historie Naturelle* de Buffon, já em parte traduzida para o alemão em 1750, Kant opta por organizar um material que ele considera apropriado à formação acadêmica. Os cursos de geografia foram os únicos cursos em que ele usou apenas suas próprias anotações, o chamado *Diktattext*. Assim, o conteúdo dos cursos não é propriamente original, mas uma

---

<sup>9</sup> Tradução nossa. In: *Entwurf und Ankündigung eines Collegii der physischen Geographie*, 1757. KANT AA II, 004. <http://korpora.zim.uni-duisburg-essen.de/kant/aa02/004.html>.

sistematização de referências heterogêneas sobre fundamentos e fatos geográficos, continuamente levantados e revisados por Kant ao longo da sua docência. Se o conteúdo dos cursos não é uma produção original de Kant, seu pioneirismo científico é menor do que habitualmente se crê. Todavia, a sistematização de um conhecimento emergente, ainda mal definido, é certamente uma tarefa de enorme valor científico, sobretudo se consideramos que ela parte de um filósofo com tanta influência como Kant. Além disso, o alcance filosófico da geografia kantiana é incomparável: nenhum outro autor extraiu e articulou tantas implicações pedagógicas e éticas da geografia. A despeito disto, os kantianos a consideram irrelevante<sup>10</sup>. Assim, não é de se estranhar que a geografia kantiana nos seja ainda praticamente desconhecida; melhor dizendo, ela é muito mencionada sem ter sido lida.

Ao mesmo tempo, o fato de Kant ser considerado um dos precursores da moderna geografia – ainda que suas credenciais de inovador possam ser questionáveis – não ultrapassou o nível de uma curiosidade biográfica: amplamente difundido, este fato não foi contextualizado no quadro geral da história das ciências da Terra. Mais fundamentalmente, este fato tão disseminado não despertou o devido exame crítico pelo qual se verificasse a relação entre geografia e filosofia em seu pensamento,

---

<sup>10</sup> Cf. Harvey, David: “Kant’s Geography is hardly known at all... Whenever I have questioned Kantian scholars about it, their response has almost been the same. It is ‘irrelevant’, ‘not to be taken seriously’, ‘there is nothing of interest in it’”. In: *Cosmopolitanism and the banality of geographical evils. Public Culture*, Spring, 2000, 12(2), p. 531.

restando, portanto, insuficientemente esclarecido qual o sentido filosófico do seu envolvimento com a então nova ciência.

A obra *Physische Geographie*, impressa pela Edição da Academia dos *Gesammelten Schriften* como volume 9, possui uma origem complexa. Ela não é uma publicação do próprio Kant, como é o caso, por exemplo, da *Antropologia*, mas a edição levada a cabo, em 1802, por seu ex-aluno e posterior colega, Theodor Rink. Poucos anos antes, Kant havia pedido a Rink e a Benjamin Jäsche que organizassem seu volumoso acervo em meio ao qual foram encontrados três cadernos com as anotações dos cursos de geografia e que datavam de épocas distintas. Vale lembrar que Rink também foi responsável pelas primeiras edições de *Sobre a Pedagogia* (1803) e *Progressos da Metafísica* (1804) e que Jäsche responde pela edição da *Lógica* (1800).

A obra *Geografia Física* reúne, basicamente, dois conjuntos de manuscritos: o *Diktattext* de Kant e anotações de alunos. Ocorre que a edição de Rink é objeto de graves objeções recentemente renovadas<sup>11</sup> e, com novos materiais dos cursos encontrados na Alemanha, uma nova edição está em curso<sup>12</sup>; as críticas levantadas pela pesquisa de Erich Adickes em 1911

---

<sup>11</sup> Cf. *Erneute Untersuchungen zu Kant's Physischer Geographie 2003-2005 und 2006/07*. Gefördert von der Fritz Thyssen-Stiftung. In: [http://staff-www.uni-marburg.de/~stark/geograph/geo\\_start.htm](http://staff-www.uni-marburg.de/~stark/geograph/geo_start.htm). Ver tb. Stark, W. *Vorlesung über Physische Geographie. Typologie*. Disponível na página eletrônica [http://kant.bbaw.de/base.htm/geo\\_typ.htm](http://kant.bbaw.de/base.htm/geo_typ.htm); Immanuel Kant.

<sup>12</sup> AK 26, editor W. Stark. Cf. *Vorlesungen über Physische Geographie*. Bd. 26.1.



são ainda vigentes<sup>13</sup> e dizem respeito ao ordenamento temporal dos diferentes materiais compilados por Rink, o que enredou em aparentemente insanáveis problemas quanto às origens e à transmissão das anotações de aula. A primeira parte da *Geografia Física*, i.e., a seção que vai do 1º parágrafo ao 52º, tem por base uma série de anotações de alunos do curso ministrado em 1774; a segunda, no *Diktattext* de 1757-59. Além disso, ainda uma terceira fonte do texto editado provém de acréscimos e modificações feitas por Rink com o objetivo de atualizar o material original. Assim, há problemas de autenticidade, de datação, particularmente relevante em “um período de rápida expansão do conhecimento do mundo”: dificilmente “Kant teria mantido nos anos 90 o que ensinou em 1756”<sup>14</sup>. Não obstante, esta edição é a base textual de todas as traduções, inclusive as mais recentes.

A *Geografia Física* possui uma introdução e três partes. A Introdução apresenta diversos aspectos teóricos da disciplina e possui como título *Introdução à Descrição Física da Terra (Einleitung für die physische Geographie)*, cobrindo os seis primeiros parágrafos. Ela também compreende uma seção, *Conceitos Matemáticos Preliminares (Mathematische Vorbegriffe)*, que vai do 7º ao 11º parágrafos. A Primeira Parte, subdividida em quatro seções e um suplemento (“Da Navegação”), trata da água, da terra, da atmosfera e das grandes transformações da Terra, respectivamente. A Segunda

---

<sup>13</sup> Adickes, Erich. *Untersuchungen zu Kants physischer Geographie*. Tübingen: Mohr, 1911.

<sup>14</sup> Reinhardt, p. 110.

Parte, intitulada *Observação Especial sobre o que o solo da Terra compreende em si* (*Besondere Beobachtung dessen, was der Erdboden in sich faßt*), subdivide-se em oito seções que tratam dos diversos reinos (humano, animal, vegetal e mineral) e, por fim, a terceira e última parte, *Consideração sumária das mais distintas curiosidades da natureza de todas as áreas segundo a ordem geográfica* (*Summarische Betrachtung der vornehmsten Naturmerkwürdigkeiten aller Länder nach geographischer Ordnung*), possui quatro subdivisões segundo os continentes: o asiático, o africano, o europeu e o americano.

De forma meramente indicativa, podemos aqui apresentar os elementos mais essenciais contidos na “Introdução”, i.e., as ideias expostas nos primeiros seis parágrafos. Elas nos permitirão ter uma visão geral de como Kant compreende a geografia e quais são seus objetivos.

Após discriminar as fontes e origem de nossos conhecimentos, i. e., os da razão pura e os da experiência, Kant fixa uma primeira noção de mundo: enquanto objeto dos sentidos externos, o mundo é a natureza e, enquanto objeto dos sentidos internos, é a alma (*Seele*) ou ser humano (*Mensch*). Assim, o *conhecimento do mundo* (*Weltkenntnis*) é constituído pelas experiências que temos da natureza e pelas experiências que temos do ser humano. A antropologia nos ensina sobre o homem e a geografia física (*physischen Geographie*) ou descrição da Terra (*physischen Erdbeschreibung*), sobre a natureza. Tendo feito essas distinções, Kant afirma:

A descrição da Terra é, então, a primeira parte do conhecimento do mundo. Ela pertence a uma ideia, a qual se pode denominar propedêutica no conhecimento do mundo. O ensino desta disciplina parece ser ainda muito insuficiente. Contudo, ela é algo de que somos capazes de fazer uso de modo mais proveitoso em todas as circunstâncias possíveis da vida. Logo, torna-se necessário que ela se faça conhecida enquanto um conhecimento que se pode completar e corrigir por meio da experiência.<sup>15</sup>

A Geografia é uma disciplina propedêutica no conhecimento do mundo e, sendo útil à vida, prepara para o exercício da razão prática: o ensino da geografia deve garantir que o aluno se torne, nos diz Kant, “mais exercitado e mais atinado, senão perante a escola, certamente perante a vida”<sup>16</sup>. A geografia é um conhecimento que se completa e se corrige pela experiência, ou seja, requer um aluno ativo, que pense por ele mesmo a partir da experiência.

A geografia e a antropologia formam o conhecimento do mundo. O mundo é o todo em que o homem realiza todas as suas experiências, pelo que ele é compreendido como “o substrato e o cenário no qual se desenrola o jogo da nossa habilidade”. Não

---

<sup>15</sup> Kant, I. *Introdução à Geografia Física*. Tradução de Leonardo Tavares In: GEOgraphia, Vol. 9, No 17 (2007), pp. 121 – 129. Doravante citado como “Introdução”.

<sup>16</sup> Notícia do Prof. Immanuel Kant sobre a Organização de suas Preleções no Semestre de Inverno de 1765-1766. Tradução de Guido de Almeida, In: Kant, I. *Lógica* (Anexo). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992, p. 173. Doravante citado como “Notícia 1765-1766”.

apenas pela antropologia<sup>17</sup>, mas também pela geografia, Kant concebe “uma instrução que permita aos nossos conhecimentos encontrar sua dimensão prática”<sup>18</sup>. Isto torna a geografia kantiana absolutamente distintiva: não há equivalência com qualquer outra geografia, sejam as da antiguidade, sejam as de seus contemporâneos.

O conhecimento do mundo requer a experiência dos outros: o homem atravessa apenas uma pequena parte do tempo e, por mais que viaje, pode experimentar pouco do espaço. Assim, através dos outros ampliamos nosso conhecimento do mundo no tempo pela narrativa (*Erzählung*) fidedigna, i.e., a experiência exterior chamada História, e, no espaço, pela descrição (*Beschreibung*) da Terra, ou Geografia.

História e Geografia ampliam, portanto, nossos conhecimentos em relação ao tempo e ao espaço. A história (*die Geschichte*) se refere aos acontecimentos que, em relação ao tempo, sucederam-se um após o outro (*nacheinander*). A geografia (*die Geographie*) se refere aos fenômenos que, em relação ao espaço, acontecem ao mesmo tempo (*zu gleicher Zeit*).<sup>19</sup>

Com base na compreensão da história como narrativa e da geografia como descrição, Kant

---

<sup>17</sup> Os cursos de Antropologia de Kant se originaram dos cursos de Geografia; a partir de 1772, ele decide separá-los e passa a ministrá-los intercaladamente com os de Geografia até o fim de sua carreira docente.

<sup>18</sup> Introdução, p. 122.

<sup>19</sup> Introdução, p. 125.

questionará o uso que então se fazia da ideia de uma história da natureza (*Naturgeschichte*)<sup>20</sup>. Na Introdução, considera que uma história da natureza depende da exposição de todos os acontecimentos da natureza através de todos os tempos, o exame do estado da natureza em todas as transformações sofridas e isto exige um meio, posto que, como diz Kant, a história natural não é mais jovem que o próprio mundo. A geografia como descrição da natureza de toda a Terra é fundamento da história “pois os acontecimentos têm mesmo que se relacionar com alguma coisa”. Se a história está em constante progressão, também as coisas da natureza estão em transformação e, assim, oferecem novas geografias. “A geografia é, logo, o substrato”<sup>21</sup>.

Kant ressalta particularmente a utilidade da geografia: para ele, nada é mais capaz do que ela no esclarecimento do entendimento humano. Uma vez que o entendimento comum remete à experiência, é pela geografia que a ampliamos. Além disso, Kant observa que ela “serve para a ordenação metódica de nossos conhecimentos, para nosso próprio prazer, e enriquece nossas conversações na sociedade”<sup>22</sup>. A geografia é também, portanto, propedêutica para o conhecimento científico: ela fornece a estrutura geral que dá lugar a

---

<sup>20</sup> Sobre o *status* epistemológico da *Naturgeschichte* no pensamento kantiano, ver: Sloan, Philip. Kant on the history of nature: The ambiguous heritage of critical philosophy for natural history. In: *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences* 37 (2006), pp. 627 – 648.

<sup>21</sup> Introdução, p. 127.

<sup>22</sup> Introdução, p. 129.

todos os conhecimentos empíricos, naturais e sociais uma vez que através dela “somos capazes de colocar cada experiência realizada em sua própria classe e lugar”<sup>23</sup>.

Cabe destacar em que sentido o homem pertence à *Geografia Física*. Kant não reconhece o dualismo geografia física/geografia humana, que marca o conhecimento geográfico contemporâneo. Mas, como acabamos de ver, a experiência do homem é objeto da Antropologia. Há, portanto, ao menos duas considerações sobre o homem do ponto de vista de uma ciência empírica. Na *Notícia do Curso de 1765-1766*, Kant explica que, a Geografia Física

[...] considera o homem na terra inteira segundo a multiplicidade de suas qualidades naturais e a diferença daquilo que nele é moral; uma consideração muito importante e cheia de atrativos, sem a qual dificilmente se podem fazer juízos gerais sobre o homem e onde a comparação recíproca e com o estado moral dos tempos mais antigos desdobra ante nossos olhos um grande mapa da raça humana<sup>24</sup>.

A geografia irá considerar o ser humano ressaltando as diferentes características físicas e culturais que formam os povos que habitam a terra em suas relações com o meio ambiente. Pela comparação dessas diferenças, o aluno poderá reconhecer o que há de comum na espécie humana, aquém das fronteiras nacionais ou religiosas. Entretanto, a antropologia e a geografia não devem ser compreendidas separadamente como dois domínios de objetos, mas cosmologicamente,

---

<sup>23</sup> Introdução, p. 123.

<sup>24</sup> Notícia 1765-66, p. 179.

como propedêutica no conhecimento do mundo que, enquanto tal, promove no aluno a capacidade de se orientar na vida.

Com essas indicações muito gerais, cremos estar, não obstante, em condições de afirmar que os graves problemas da edição de Rink não devem desmotivar o estudo da *Geografia Física*: a recente publicação de uma coletânea interdisciplinar, *Reading Kant's Geography*<sup>25</sup>, mostra como é plenamente possível extrair e desenvolver diversas implicações teóricas do pensamento geográfico kantiano. Seu objetivo principal, i.e., “oferecer uma série de ensaios que discutem, contextualizam e criticam a obra de Immanuel Kant sobre a geografia”<sup>26</sup>, remedia a negligência que a relegou. Esta iniciativa dá seguimento aos estudos pioneiros de J. A. May<sup>27</sup> e de E. Adickes<sup>28</sup> e conta com a contribuição de especialistas de diferentes áreas, em conformidade com a natureza multifacetada da temática e dos objetivos dos  *cursos*.

Vários são motivos para se reavaliar a importância da geografia kantiana. Em primeiro lugar, todo leitor de Kant reconhece o recurso frequente que ele faz às metáforas geográficas para articular suas ideias. Como exemplo, tomemos uma passagem da

---

<sup>25</sup> Elden, S. & Mendieta, E. (ed.) *Reading Kant's Geography*. N.Y.: Albany, 2011.

<sup>26</sup> *Idem*, p. 4

<sup>27</sup> May, J. A. *Kant's Concept of Geography and its Relation to Recent Geographical Thought*. Toronto: University of Toronto Press, 1970.

<sup>28</sup> Adickes, E. *Untersuchungen zu Kants physischer Geographie*. Tübingen: Mohr, 1911.

*Crítica da Razão Pura* em que o “geógrafo da razão”<sup>29</sup> trata do princípio da distinção de todos os objetos em geral em fenômenos e noumenos:

Percorremos até agora o **país do entendimento puro**, examinando cuidadosamente não só as partes de que se compõe, mas também medindo-o e fixando a cada coisa o seu **lugar** próprio. Mas este **país** é uma **ilha**, a que a própria natureza impõe leis imutáveis. É a **terra da verdade** (um nome aliciante), rodeada de um **largo e proceloso oceano**, verdadeiro domínio da aparência, onde muitos **bancos de neblina**, e muitos **gelos** a ponto de derreterem, dão a ilusão de **novas terras** e constantemente ludibriam, com falazes esperanças, o **navegante** que sonha com **descobertas**, enredando-o em aventuras de que nunca consegue desistir nem jamais levar a cabo. Antes, porém, de **nos aventurarmos a** esse **mar** para **explorar em todas as latitudes** e averiguar se há algo a esperar dele, será conveniente dar um prévio relance de olhos ao **mapa da terra** que vamos abandonar, para indagarmos, em primeiro lugar, se acaso não poderíamos contentarmo-nos, ou não teríamos, forçosamente, que o fazer, com o que ela contém, se em nenhuma parte houvesse **terra firme onde assentar arraiais**; e, em segundo lugar, perguntarmos a que título possuímos esse **país** e se podemos considerar-nos ao abrigo de quaisquer pretensões hostis... (grifos nossos)<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> Kant, I. KrV A760/B788.

<sup>30</sup> Kant, I. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian, p. 257; KrV B294.



O uso de metáforas geográficas abunda em toda a obra de Kant. Neste sentido, é particularmente interessante destacar o emprego filosófico do termo “orientação”, inaugurado por Kant: uma ampliação do significado geográfico através do qual se chega ao *direito da necessidade da razão* de ligar os conceitos ao mundo<sup>31</sup>. Decerto, o recurso à metáfora geográfica não é uma exclusividade de Kant: a própria “perplexidade filosófica” está associada à “experiência de estar perdido”, de não saber o caminho certo a tomar; do mesmo modo, as soluções filosóficas “são vistas como uma questão de encontrar uma orientação [...], uma sinalização [...], um ponto de referência [...] ou uma fonte de iluminação”<sup>32</sup>. Entretanto, nenhum outro filósofo se dedicou tanto à geografia como Kant, nem antes, nem depois dele.

Em segundo lugar, o exame da *Geografia Física* nos estimula a ampliar a compreensão do contexto histórico-científico da filosofia de Kant pela adoção de um ponto de vista pouco explorado. A revolução científica moderna, que alterou a concepção da representação, da origem e do funcionamento do universo, repercutiu diretamente nas geociências e, por conseguinte, na geografia, até então cativa da autoridade da antiguidade. A geografia antiga pode ser distinguida em quatro tradições: a ptolomaica, que representa a geografia matemática e é voltada para a

---

<sup>31</sup> Kant. Que significa orientar-se no pensamento? In: *Immanuel Kant. Textos Seletos*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 78 sq.

<sup>32</sup> O’Neil, Onora. *Orientation in Thinking. Geographical Problems, Political Solutions*. In: Elden, S. & Mendieta, E. (2011), p. 216-217.

determinação da figura da Terra; a aristotélica, integrada à física clássica e que se ocupa com “os oceanos, as terras, as montanhas e rios, bem como com os ‘meteoros’ que afetam a atmosfera e as profundidades subterrâneas”; a geografia de Estrabão, que visava contribuir “para uma melhor compreensão dos países e dos povos”; e, por fim, “os discípulos de Heródoto e de Hipócrates, que meditam sobre as relações entre o homem e seu meio”<sup>33</sup>.

Como uma espécie de aurora da geografia moderna, a geografia do Renascimento produziu mudanças consideráveis no conhecimento geográfico, sem as quais a geografia dos séculos XVIII é impensável. Como mostra Jean-Marc Besse <sup>34</sup>, “em contato e sob o impulso das navegações das descobertas”, os séculos XV e XVI forjaram a *orbis terrarum*, i.e., a Terra universalmente habitável que se tornará, posteriormente, o objeto próprio da Geografia. A nova concepção da Terra,

---

<sup>33</sup> Numa Broc *apud* M. Marcuzzi. “La ‘Géographie kantienne’: Délimitation de la Discipline”, In: Introduction, I. Kant, *Géographie*. Paris; Aubier, 1999, nota 76, p. 41. M. Marcuzzi reduz essas correntes a duas tradições: “por um lado, a tradição de uma geografia matemática é, sobretudo, cartografia, com Eratóstenes, Ptolomeu e Varenius. Por outro lado, a tradição da chamada geografia compreensiva que deriva de Estrabão, que tenta descrever a realidade do mundo humano eventualmente sob os auspícios de um projeto orientado para a ética e a política”. In: *Historical Narrative and Geographical Description in Kant’s Physical Geography*. Trad. Samuel A. Butler. In: Elden, S. & Mendieta, E. (2011), p. 115.

<sup>34</sup> Jean-Marc Besse, Le rôle de la carte dans la construction du concept de Terre aux 15eme et 16eme siècles. Réflexions épistémologiques. *Bulletin du Comité Français de Cartographie*, 163, 2000, pp. 6-15.

criada pelos cosmógrafos e cartógrafos renascentistas, irá permitir aos europeus pensarem “a *novidade dos novos mundos*”. O novo ente geográfico, o globo terrestre, irá paulatinamente se firmar como espaço universal, como espaço cosmopolita “que se caracteriza por sua circularidade essencial, por sua abertura aos deslocamentos humanos”.

A nova racionalidade geográfica irá conferir unidade ontológica à Terra como globo terrestre através da homogeneização dos seus elementos físicos e irá haurir um método unificado de representação cartográfica. Ela também irá especificar um método de escrita e um tipo de livro para o inventário ordenado das características e propriedades dos lugares, além de promover a progressiva independência da geografia em relação à cosmografia mediante o discurso descritivo geográfico, “cujos modelos estão do lado da história, da poesia e da retórica, mais que do lado da matemática”. A nova consciência espacial irá definir uma atitude perceptiva e mental em relação ao espaço terrestre em que a superfície da Terra é representada como teatro ou paisagem, como também deslocará as referências às narrativas bíblicas e teológicas, além de desenvolver um “modelo de conduta ética” que se caracteriza por um distanciamento político e espiritual face aos “engajamentos locais (sejam eles nacionais ou religiosos)” e que irá permitir a criação de “uma consciência cosmopolita”<sup>35</sup>. O Renascimento guarda,

---

<sup>35</sup> *Idem*, p. 7. A página acadêmica do grande pesquisador Besse, CNRS Paris I e Paris VII, encontra-se aqui: <http://www.parisgeo.cnrs.fr/spip.php?article52&lang=fr>.

pois, a chave de compreensão para as inovações conceituais da geografia do Esclarecimento e, deste modo, é um ponto de fuga para as diferentes orientações da geografia moderna <sup>36</sup>.

Assimilando a revolução científica em associação com a revolução técnica promovida pelas Grandes Navegações, que aperfeiçoou a determinação das localizações, das distâncias e direções, e com o imenso volume de informações sobre as regiões do globo e dos povos que então se tornaram disponíveis através delas, o século XVIII de Kant se caracterizará por uma mudança paradigmática na coleta e análise dos dados telúricos e por uma transformação substancial na forma de apreendê-los e na prática das ciências da terra.

A qualidade da exploração geográfica e o caráter da investigação da história da terra mudam dramaticamente em 1756. Desenvolvimentos críticos ocorrem na exploração marítima e terrestre. No mar, navegadores como Bougainville, Lapérouse, Cook e Vancouver tornam a exploração marítima

---

<sup>36</sup> Sobre a Geografia do Renascimento cf. os seguintes trabalhos de Jean-Marc Besse: “Entre le regard et l’image, l’espace du géographe. Notes sur le savoir géographique à la fin du XVIIe siècle”, *Epokhè*, 4, numéro spécial “L’espace lui-même”, 1994, 11-30; “La géographie de la Renaissance et la représentation de l’universalité”, *Rivista geografica italiana*, 112, 2005, 63-79; Cartographie et pensée visuelle: réflexions sur la schématisation graphique. Exposé présenté lors de la Journée d’étude “La carte, outil de l’expertise aux XVIIIe et XIXe si`e.. 2006. In: <https://hal.archives-ouvertes.fr/halshs-00256710/document> .

de serendipismo em exploração científica. As expedições passam a contar com oficiais cientificamente treinados, naturalistas, astrônomos e artistas, que irão retratar as descobertas [...]. Com o auxílio de modernos instrumentos, Cook produz mapas com uma acuidade sem precedentes [...]. Na terra, uma mudança no estilo do estudo geográfico é apontada por Nicolas Desmarest quando [...], em 1757 [...], ele escreve [...] que a geografia física deve se basear na observação sistemática de primeira mão [...]. Ao mesmo tempo [...], Horace B. Saussure se dedica a uma exaustiva pesquisa de campo nos Alpes ocidentais, que culminou na primeira subida a Mont Blanc em 1787 [...]. Como Desmarest, Saussure estava firmemente convencido de que os fatos observados da Geografia Física [...] – não as considerações tradicionais e a especulação filosófica – formam a base adequada para a geografia e para a compreensão da origem das paisagens atuais <sup>37</sup>.

Sob um novo horizonte epistemológico, a geografia, como saber formal, passa de uma apresentação enciclopédica de coleções de informações das diferentes regiões do globo, para, como ciência natural, preparar sua integração no campo universal do conhecimento; como saber prático, que atendia a interesses comerciais, políticos e diplomáticos, a geografia começa a assumir uma constituição sistemática e crítica. Decerto, nesta transição, a geografia, destituída de uma técnica específica, é ainda um saber mal delimitado. Assim, por exemplo, a língua

---

<sup>37</sup> Church, M. *Immanuel Kant and the Emergence of Modern Geography*. In: Elden, S. & Mendieta, E. (2011), p. 23-25.

francesa, a primeira língua internacional de todas as ciências<sup>38</sup>, somente no fim do século XVIII passa a contar com o substantivo “*géographe*”, mesmo assim para se referir a *savants*<sup>39</sup> de gabinete, a geógrafos sedentários<sup>40</sup>, que serão suplantados com a introdução do *espaço* na nomenclatura dos naturalistas e quando a análise das descrições de viajantes e exploradores der lugar à observação feita *in situ* pelo trabalho de campo.

Parece-nos que não se pode avaliar adequadamente o papel de Kant na história da geografia – e compreender plenamente o Esclarecimento –, sem a consideração do impacto da revolução científica sobre o desenvolvimento das geociências, muito frequentemente ignorado não apenas pelos filósofos, mas também pelos próprios geógrafos. Desta consideração se depreende uma terceira razão para promover a investigação sobre a geografia kantiana: a de poder cumprir um interessante papel na discussão em torno do problemático conceito de geografia que, ao cobrir uma enorme variedade de fenômenos e incluir diversos métodos que conflitam entre si, tem a marca

---

<sup>38</sup> Cf. Rudwick, M. J. S. “A Academia Prussiana premiou, em 1784, um ensaio justificando a universalidade do francês”. In: *Bursting the Limits of Time: The Reconstruction of Geohistory in the Age of Revolution*. Chicago: University of Chicago Press, 2005, p. 30.

<sup>39</sup> “As lideranças de práticos de todas as ciências [...] consideravam a si mesmos *savants*, [...] fosse sua especialidade a química ou as humanidades, a fisiologia ou a teologia”. *Idem*, p. 22-23.

<sup>40</sup> Expressão de Voltaire em “Géographie” constante no *Dictionnaire philosophique*. Voltaire, 1764 *apud* Laboulais-Lesage, Isabelle (2001), nota 6, p. 99.

da fragmentação e da sobreposição das mais diversas categorias dos múltiplos campos do saber. A geografia de Kant se situa precisamente no centro das mudanças paradigmáticas que dão origem às modernas ciências da Terra. Se admitirmos que toda teorização acerca da natureza de uma ciência envolve necessariamente a reflexão de suas origens, Kant é indispensável ao exame crítico do conceito de geografia.

Entre os motivos que podem estimular o interesse pela geografia kantiana o mais destacado nos parece ser seus objetivos pedagógicos. Tais objetivos se inserem no contexto mais amplo do Esclarecimento em seu “uso das ciências da terra como uma ferramenta racional para a educação secular”<sup>41</sup>. A geografia é, para Kant, um meio de desenvolver a capacidade dos estudantes de pensar por eles mesmos. O desenvolvimento desta capacidade é possível pela didática assim descrita:

Antes de mais nada, amadurecer o entendimento e acelerar seu crescimento, exercitando-o nos juízos da experiência e despertando a atenção para aquilo que as sensações comparadas de seus sentidos possam ensinar. Partindo destes juízos ou conceitos, ele não deve empreender nenhum vôo em direção a outros mais elevados e mais distantes, mas deve chegar até aí pela calçada natural e transitável dos conceitos inferiores que aos poucos o levem mais longe; tudo, porém, em conformidade com aquela aptidão do entendimento que o exercício precedente

---

<sup>41</sup> Lyle, Louise & McCallam, David. Introduction. *Histoires de la Terre. Earth Sciences and French Culture 1740 – 1940*. NY: Rodopi, 2008, p. 14.

houver necessariamente produzido nele e não em conformidade com aquela que o professor percebe, ou crê perceber em si mesmo e que ele erroneamente também pressupõe em seu ouvinte. Em suma, ele não deve ensinar *pensamentos*, mas a *pensar*; não se deve *carregá-lo*, mas *guiá-lo*, se se quer que ele seja apto no futuro a *caminhar* por si próprio.<sup>42</sup>

Assim, a didática de Kant pode ser vista como a arte que, através do exercício da comparação de juízos sobre a experiência, leva o aluno a arrazoar por si mesmo. Significa dizer que o ensino não pode ser dogmático, mas deve estimular a investigação e descoberta de modo a expandir seu modo de pensar. Portanto, a academia deve torná-lo apto a desenvolver o próprio pensamento de tal forma que aprender seja uma prática para além da escola. A geografia aumenta o conhecimento do aluno através da experiência mostrando a causalidade por trás dos fenômenos da natureza; através da geografia, o aluno aprende que um mesmo e único sistema de leis naturais atua em toda a superfície da terrestre. A geografia amplia os horizontes dos alunos informando sobre os diferentes povos e os diferentes ambientes, permitindo que se reconheça o homem como pertencente a uma espécie entre tantas outras que habitam a Terra. A geografia exercita a comparação e, assim, torna possível a avaliação das diferentes culturas humanas.

Kant toma o conhecimento geográfico como irrenunciável ao sábio (*Gelehrter*). Como conclui o *Anúncio* do Curso de 1757, ele afirma: “poder-se-á

---

<sup>42</sup> Notícia 1765-1766, p. 174.



julgar se é permitido ser um ignorante [em geografia] sem destruir o título de sábio”<sup>43</sup>. Como uma exigência ao título de sábio, a geografia é, em realidade, antídoto contra o misticismo. Em seu ensaio para a coletânea organizada por Elden & Mendieta, Holly L. Wilson mostra como Kant busca estabelecer que “o universo pode ser explicado apenas mecanicamente de modo a poder excluir Deus como explicação de eventos particulares”<sup>44</sup>. Holly extrai, assim, uma consequência da análise de Büttner na qual se demonstra que em Kant “a geografia é teologicamente neutra”: ela “não pode nem provar a existência de Deus, nem fornecer a prova contra a sua existência”<sup>45</sup>. Kant emancipa a geografia da servidão intelectual ao dogma teológico<sup>46</sup>, provando “de uma vez por todas que a geografia e a teologia não são, de modo algum, inter-relacionadas”<sup>47</sup> i. e., a geografia kantiana desloca o ensino da *Creatio* e neutraliza a posição da Providência na descrição dos fenômenos geográficos e, de resto, de todos os eventos naturais.

Para Wilson, na *Geografia Física* Kant não apenas oferece uma descrição da Terra, mas se ocupa em

---

<sup>43</sup> “Man wird urtheilen können, ob es, ohne dem Namen eines Gelehrten Abbruch zu thun, erlaubt sei, in diesen Dingen unwissend zu sein”. *Entwurf und Ankündigung...*, p.004. In: <http://korpora.zim.uni-duisburg-essen.de/kant/aa02/004.html>.

<sup>44</sup> Wilson, Holly L. *The Pragmatic Use of Kant’s Physical Geography Lectures*. Elden & Mendieta (2011), p. 163.

<sup>45</sup> Büttner, Manfred. Kant and the Physico-Theological Consideration of Geographical Facts. In: *Organon* 11, 1975, p. 239.

<sup>46</sup> *Idem*, p. 245.

<sup>47</sup> *Idem*, p. 246.

explicar a causalidade natural na exposição dos fenômenos geográficos não pelo interesse científico de reiterar a mecânica causal, mas por razões pedagógicas: na geografia a causalidade promoveria nos estudantes o ‘pensar por si mesmo’ e a ‘ação prudente’<sup>48</sup>. A ênfase nas conexões causais, que marca continuamente a exposição de Kant, estimula os estudantes a superarem o misticismo na compreensão do mundo natural, o que apenas é possível se tais relações forem pensadas por eles mesmos, i.e., refutadas ou confirmadas, a partir da própria experiência. No ensino da geografia de Kant, os estudantes desenvolvem a aptidão para pensarem por si mesmos exercitando seus juízos, distinguindo criticamente entre uma abordagem verdadeira do mundo e a fábula<sup>49</sup>.

A utilidade do conhecimento geográfico é múltipla e alcança os objetivos mais relevantes do Esclarecimento. Para Kant, o ensino da geografia

[...] leva os jovens pupilos e estudantes a um conhecimento concreto que os permita complementar sua experiência insuficiente; ela é uma condição de possibilidade do arrazoar corretamente à medida que evita que eles pensem no vazio, mas, ao invés, sobre fatos; portanto, a geografia visa sua transformação em *doutos*, fornecendo material para o conhecimento. Por outro lado, a geografia é de grande valor como propedêutica do conhecimento do mundo, particularmente para o acesso do homem ao seu

---

<sup>48</sup> *Idem*, p. 164.

<sup>49</sup> *Idem*, p. 165.

papel de cidadão. Formando o cidadão do mundo, a geografia é condição de possibilidade do cosmopolitismo, se não se quer mantê-lo como formal e abstrato. Em sentido geral, este conhecimento de uma natureza *mundana* visa contribuir para tornar o homem *prudente*, que significa ser capaz de agir em favor dos seus iguais e de cuidar de seus interesses.<sup>50</sup>

Ao integrar ao ensino de geografia os objetivos éticos da autonomia e da prudência, Kant a vincula à educação moral cosmopolita. Sabemos que há diferentes tipos de cosmopolitismo em Kant: o epistemológico, o econômico ou comercial, o moral, o político e o cultural<sup>51</sup> e que sua teoria do cosmopolitismo envolve a transcendência do “egoísmo” da razão”, i.e., a falta de vontade de testar um dado juízo com o auxílio da razão de outros, e a conexa expansão do modo de pensar (*erweiterte Denkungsart*). Em Kant, o cosmopolitismo destaca o respeito aos outros seres racionais como fins em si mesmos e envolve a ideia de adoção livre a fins e as restrições mútuas dos domínios da liberdade externa – seja do indivíduo, seja dos estados. Os cidadãos do mundo visam promover o sumo bem no mundo (*das Weltbeste*), i.e., a coincidência entre virtude e felicidade. Não apenas a realização do sumo bem no mundo requer o conhecimento do mundo e, portanto, a geografia: na ideia mesma de cosmopolitismo podemos reconhecer a geografia como

---

<sup>50</sup> Kant *apud* Marcuzzi, (2011, p. 116).

<sup>51</sup> Cavallar, Georg. Cosmopolitanism in Kant’s philosophy. In: *Ethics & Global Politics*, vol. 5, nº 2, 2012.

seu pressuposto. É bem sabido que a realização do sumo bem no mundo depende de um processo educacional; menos conhecido, porém, é a atribuição à geografia de um papel fundamental neste processo. “A educação em geografia é a prática da educação cosmopolita de Kant e pode ser vista como sua matriz”<sup>52</sup>. Se esta compreensão estiver correta, a geografia kantiana possui mais que um valor histórico: ela pode ensinar uma releitura completa da filosofia prática de Kant e aperfeiçoar nossa interpretação dos ideais pedagógicos do Esclarecimento que sua obra encarna.

---

<sup>52</sup> Hirose, Y. Cosmopolitanism, Education and Kant’s Physical Geography. In: *Philosophy of Education Society of Great Britain. Annual Conference*, New College, Oxford, 2012. In: <<https://www.yumpu.com/en/document/view/6713846/cosmopolitanism-education-and-kants-physical-geography>>. Acesso em 20 set. 2014.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Besse, Jean-Marc. *Le rôle de la carte dans la construction du concept de Terre aux 15eme et 16eme siècles. Réflexions épistémologiques*. **Bulletin du Comité Français de Cartographie**, 163, 2000, pp. 6-15.

Church, M. Immanuel Kant and the Emergence of Modern Geography. In: Elden, S. & Mendieta, E. **Reading Kant's Geography**. Albany: State University of New York, 2011.

Elden, S. Reassessing Kant's Geography. **Journal of Historical Geography** 35 (2009), pp. 3-25.

Elden, S. Introduction. **Reading Kant's Geography**. Elden, S. & Mendieta, E. Albany: State University of New York, 2011.

Kant, Immanuel. **Physische Geographie**. In: <<http://www.korpora.org/kant/aa09/151.html>>. Acesso em 20 set. 2014.

Kant, Immanuel. *Physical Geography*. Trad. Olaf Reinhardt. In: Eric Watkins (ed.) **Natural Science**. The Cambridge Edition of the Works of Immanuel Kant. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, pp. 434-679.

Kant, Immanuel. **Géographie**. Trad. M. Cohen-Halimi & M. Marcuzzi. Paris: Aubier, 1999.

Kant, Immanuel. *Introdução à Geografia Física*. Tradução de Leonardo Tavares In: **GEOgraphia**, v. 9, No 17 (2007), pp. 121 – 129.

Marcuzzi, M. *Historical Narrative and Geographical Description in Kant's Physical Geography*. Trad. S. A.

Butler. In: Elden, S. & Mendieta, E. **Reading Kant's Geography**. Albany: State University of New York, 2011.

Naragon, S. **Kant in Classroom**. *Materials to Aid the Study of Kant's Lectures*. Página Eletrônica disponível em: <<http://www.manchester.edu/kant/lectures/lecturesIntro.htm>>. Acesso em 20 set. 2014.

Wilson, H. L. *The Pragmatic Use of Kant's Physical Geography Lectures*. In: Elden, S. & Mendieta, E. **Reading Kant's Geography**. Albany: State University of New York, 2011.

Withers, C. *Kant's Geography in Comparative Perspective*. In: Elden, S. & Mendieta, E. **Reading Kant's Geography**. Albany: State University of New York, 2011.